

GRANDE ENTREVISTA

Fernando Vicente

Há uma “crescente escassez de professores”

O novo presidente do Sindicato dos Professores da Região Açores (SPRA) considera urgente adotar medidas que travem a saída de docentes das escolas. Págs. 02 a 04



DIÁRIO INSULAR

Pág. 06

Governo: Qualificação turística reforça competitividade



Açores podem ser plataforma ESTRATÉGICA para Portugal, UE e NATO

PRESIDENTE DO GOVERNO REGIONAL DEFENDEU O PAPEL GEOESTRATÉGICO DOS AÇORES, QUE CONSIDEROU CADA VEZ MAIS RELEVANTE. REFORÇOU, NUM SEMINÁRIO EM LISBOA, QUE DEVEM SER DESENVOLVIDAS CAPACIDADES DE DUPLO USO (CIVIL E MILITAR).

Pág. 05



Pág. 07

NA ILHA DO CORVO

Governo promove autonomia alimentar

O executivo vai investir 77 mil euros no Corvo, com fundos comunitários, para promover a autonomia alimentar e a sustentabilidade.

Pág. 09

ACORDOS DE COOPERAÇÃO

PS quer reforço de verbas para IPSS

O deputado socialista Marco Martins alerta que a atualização de 2,4% nos acordos de cooperação para 2026 não é suficiente.

PUB.



CEMAH

Celebrar a nossa história,
com os olhos postos no futuro.

130
1896
2026
ANOS

Caixa Económica da Misericórdia de Angra do Heroísmo, Caixa Económica Bancária, S.A., registada junto do Banco de Portugal com o nº 0059.



Fernando Vicente, novo presidente do Sindicato dos Professores da Região Açores (SPRA), alerta para a escassez de docentes, que afeta todas as ilhas, e defende medidas para inverter a tendência.

FERNANDO VICENTE, PRESIDENTE DO SPRA

É preciso “atrair, fixar e valorizar” os professores nos Açores

TOMOU RECENTEMENTE POSSE COMO PRESIDENTE DO SINDICATO DOS PROFESSORES DA REGIÃO AÇORES (SPRA) PARA O PRÓXIMO TRIÊNIO E DEFINIU A FALTA DE PROFESSORES COMO O PRINCIPAL DESAFIO DA EDUCAÇÃO NOS AÇORES. ESTE PROBLEMA, QUE AFETA TAMBÉM O TERRITÓRIO CONTINENTAL, É MAIS ACENTUADO NA REGIÃO? EM QUE ILHAS SE SENTE MAIS?

Hoje, no plano global, nacional e regional a educação enfrenta um dos mais graves desafios das sociedades contemporâneas: a crescente escassez de professores. Faltam professores, faltam jovens interessados em abraçar a profissão e essa realidade constitui um sinal alarmante para o futuro do

país. Uma sociedade que não consegue garantir a renovação do seu corpo docente compromete, inevitavelmente, a qualidade da sua educação e, com ela, o seu desenvolvimento social e económico. A educação é o verdadeiro motor do progresso. É o instrumento que permite a mobilidade social, a qualificação das gerações e a construção de uma sociedade mais justa. Perante a maior taxa de sempre de jovens licenciados, importa questionar: por que razão a profissão docente deixou de ser uma escolha atrativa? Falando especialmente na Região Autónoma dos Açores, este problema assume contornos igualmente preocu-



FERNANDO VICENTE. “As políticas educativas ao longo destes últimos 20 anos foram de desinvestimento na educação”

pantes. Também aqui se sente, de forma crescente, a falta de docentes qualificados, colocando em causa a estabilidade e a qualidade do sistema educativo regional. Perante este cenário, impõe-se uma resposta clara e estrutura-

da assente em três eixos: atrair, fixar e valorizar. Esta escassez de docentes já se sente em todas as ilhas, mas é mais preocupante e constitui um problema acrescido nas ilhas mais periféricas como Corvo, Flores, Graciosa e Santa Maria.



SPRA. Fernando Vicente tomou posse como presidente do sindicato, no dia 10, substituindo António Lucas, que exerceu o cargo durante 17 anos

A CLASSE DOCENTE NOS AÇORES ESTÁ ENVELHECIDA? HÁ ESTIMATIVAS DE QUANTOS PROFESSORES VÃO ABANDONAR O ENSINO NOS PRÓXIMOS ANOS E DO IMPACTO QUE TERÁ NAS ESCOLAS? Sim. A classe docente está envelhecida. Basta entrar numa sala de professores e constatar a média de idades. Verifica-se que o número de docentes que se aposentam supera largamente o número de jovens que ingressam na profissão. O sistema educativo mantém-se, cada vez mais, sustentado por uma classe envelhecida, o que agrava o risco de rutura num futuro próximo. Os números apresentados são assustadores. Só este ano, em termos nacionais, de setembro a julho,

Classe envelhecida

"Os números apresentados são assustadores. Só este ano, em termos nacionais, de setembro a julho, aposentaram-se 1 800 docentes. Nos Açores, no mesmo período, aposentaram-se 72 docentes. Os alunos em formação inicial de professores são manifestamente inferiores a este número e, se verificarmos que um terço dos alunos em licenciaturas em ensino abandonam o curso, então o problema ainda atinge maior dimensão!".

aposentaram-se 1 800 docentes. Nos Açores, no mesmo período, aposentaram-se 72 docentes. Os alunos em formação inicial de professores são manifestamente inferiores a este número e, se verificarmos que um terço dos alunos em licenciaturas em ensino abandonam o curso, então o problema ainda atinge maior dimensão! Estima-se, segundo os dados estatísticos, que 4 000 professores completam o tempo para aposentação em cada ano, e somente 2,3% dos professores têm menos de 30 anos. Por isso, inverter esta tendência é uma urgência nacional!

PELAS CONTAS DO SPRA, QUANTOS PROFESSORES SERÃO NECESSÁRIOS PARA SUPRIR AS NECESSIDADES DAS

ESCOLAS NOS AÇORES?

Não conseguimos dar esses números de forma rigorosa. Mas, considerando os docentes colocados em contrato anual logo na 1ª colocação do presente ano escolar, que foram cerca de 250, mais as contratações de escola, que aconteceram logo no início do ano, e o número de aposentações que já referi atrás, podemos dizer, de forma segura, que serão necessárias várias centenas de docentes para colmatar as necessidades das escolas nos Açores. Ora, o número de vagas abertas para os cursos de formação inicial de professores e mestrados em ensino, por exemplo na Universidade dos Açores, é manifestamente insuficiente para colmatar estas necessidades.

(CONTINUA NA PÁG.04)



FOTOGRAFIA: ARQUIVO

PROFESSORES. Presidente do SPRA considera que é "urgente implementar verdadeiros incentivos à fixação"

editorial.

SUSTENTABILIDADE AGROALIMETAR

Ao abrigo de um programa europeu (LIFE IP AGRILLOOP) destinado a apoiar a sustentabilidade agrícola, promoção da economia circular e contributo para uma gestão mais eficiente dos recursos naturais, o Governo Regional vai instalar duas estufas no Corvo para produção hortícola, uma infraestrutura que o Governo afirma vir a reforçar a produção local de alimentos, aumentar a disponibilidade de produtos frescos ao longo do ano e contribuir para uma maior autonomia alimentar da ilha. O projeto inclui uma área demonstrativa equipada com compostor e sistema de rega gota-a-gota, promovendo a valorização de resíduos verdes e a utilização eficiente da água, bem como a instalação de um campo demonstrativo de agricultura biológica, com cerca de meio alqueire, destinado à demonstração de boas práticas de produção sustentável.

São frequentes, sobretudo no Inverno, situações no Corvo e também nas Flores, onde, por mor de obras de recuperação dos portos daquelas ilhas privadas de condições adequadas ao tráfego marítimo e também porque historicamente são das ilhas mais fustigadas pelo mau tempo, faltarem bens essenciais. Para minimizar estas situações só haverá duas vias: incentivar, a sério, a produção local naquilo em que as ilhas têm capacidade e aquilo que manifestamente vai para além dessas apetências, criar condições de armazenamento crítico. Esta última questão não é fácil mas tem de ser encontrada a entidade que vai gerir esse armazenamento e como é que vai ser feita a gestão e a rotação dos bens que lhe ficarão entregues.

A primeira das questões - aumentar a produção local - é aquilo que o Governo com ações como aquela que vai implementar no Corvo, vai fazer no espírito de que mais vale dar uma cana e ensinar a pescar do que entregar o peixe já amanhado. Imaginamos que a experiência do Corvo vai ser um sucesso e que merecerá ser replicada em todas as ilhas. A esmagadora maioria da nossa população é originária de agricultores, e as competências têm passado de geração em geração, podendo é estar esquecidas. Também é verdade que a maioria da população vive no campo, tem uma nesga de terra e às vezes já não sabe o que fazer dela. Se forem feitas ações que ensinem as modernas práticas agrícolas, associadas a preocupações de qualidade alimentar, estamos em crer que muitos quererão comer os "seus" tomates e alfaces, as suas batatas e feijões, os seus morangos e couves e, quem sabe, os excedentes tendo como clientes aqueles que vivem nas cidades e que não têm a oportunidade nem as condições de cultivarem a sua horta. O projeto do Corvo tem o objetivo de ajudar à criação de mais autonomia de bens alimentares em ilhas que estão mais à mercê de problemas nos transportes, mas a ideia serve a todos porque quanto mais autônomos formos mais temos qualidade naquilo que ingerimos. E ensinar como fazê-lo pode e deve ser uma missão do serviço público.

HÁ CERCA DE DUAS DÉCADAS, HAVIA PROFESSORES NO DESEMPREGO, AGORA HÁ FALTA DE DOCENTES QUALIFICADOS. COMO SE CHEGOU A ESTE PONTO? A CARREIRA DEIXOU DE SER ATRATIVA?

Em primeiro lugar, há que ter em atenção que as políticas educativas ao longo destes últimos 20 anos foram de desinvestimento na educação: decisões de fecho de cursos de formação de professores, uma constante precariedade na profissão, um adiamento da vida profissional e pessoal, carreira desvalorizada, com índices salariais pouco atrativos, desregulamentação do trabalho, cansaço emocional imenso... tudo isto leva a que os jovens questionem se querem ser professores. Retorno à questão inicial desta entrevista: perante a maior taxa de sempre de jovens licenciados, por que razão a profissão docente deixou de ser uma escolha atrativa? É indispensável valorizar a profissão docente, devolver-lhe prestígio, garantir condições dignas de trabalho e construir uma imagem positiva, estável e atrativa da função docente. No entanto, as orientações políticas do Ministério da Educação, Ciência e Inovação apontam

para um retrocesso, com propostas que fragilizam o Estatuto da Carreira Docente, desvalorizam a especificidade da profissão e apontam para a integração dos docentes em carreiras gerais da administração pública, mais longas, menos valorizadas e menos dignas. Um caminho que, longe de resolver o problema, o agravará inevitavelmente.

O GOVERNO REGIONAL JÁ TOMOU ALGUMAS MEDIDAS PARA MITIGAR O PROBLEMA, COMO A CRIAÇÃO DE BOLSAS DE ESTUDO PARA CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES. AS MEDIDAS TOMADAS SÃO INSUFICIENTES? O QUE DEVE SER FEITO PARA FIXAR DOCENTES NA REGIÃO?

A criação de bolsas de apoio à formação, proposta pelo Governo Regional, constitui um sinal positivo, mas manifestamente insuficiente face à dimensão do problema. Atrair jovens para a profissão docente é um objetivo prioritário. A Região dispõe de um instrumento essencial para esta estratégia: a Universidade dos Açores. Esta instituição já demonstrou, ao longo do tempo, a sua capacidade para formar professores com elevada qualida-

de, muitos dos quais asseguram hoje o funcionamento do sistema educativo regional e até nacional. Torna-se, por isso, urgente reforçar a formação inicial de professores, através da criação de novos cursos, do aumento de vagas dos atuais e do reforço das estruturas pedagógicas e didáticas. Importa igualmente responder a uma realidade concreta que existe na Região Açores: a existência de dezenas de docentes que, há vários anos, já exercem funções nesta região, mas que continuam sem profissionalização. Estes professores, muitos com percursos significativos no sistema educativo, permanecem em situação de precariedade, sem acesso à estabilidade e impossibilitados de construir um projeto profissional consistente. A criação de mecanismos que permitam a sua profissionalização, por exemplo junto da Universidade Aberta ou da Universidade dos Açores, constitui uma medida essencial para reforçar o sistema educativo e valorizar quem já nele trabalha. A fixação de docentes, particularmente nas ilhas mais periféricas, é outro desafio crítico. É, por isso, urgente implementar verdadeiros

incentivos à fixação. Não bastam medidas pontuais de compensação pela deslocação. É necessário concretizar e regulamentar mecanismos já previstos na legislação que permitam tornar atrativa a permanência nestes contextos, valorizando a remuneração e garantindo condições que incentivem a estabilidade. Por exemplo, está determinado no Estatuto da Carreira Docente o subsídio de fixação, que corresponde a 45% do índice 100 nos primeiros três anos, 35% nos três anos seguintes e 25% nos restantes anos, desde que mantenha o cumprimento do contratualizado para a fixação. Além disso, também está determinado o pagamento de juros bonificados para a aquisição de habitação própria por um período máximo de 15 anos. Só com este desafio político, que exige decisão e coragem é possível garantir a fixação de pessoal docente em zonas periféricas/grupos carenciados. O SPRA reafirma a sua total disponibilidade para negociar com a tutela soluções concretas, eficazes e duradouras que permitam atrair, fixar e valorizar os professores na Região Autónoma dos Açores.



FERNANDO VICENTE. “É indispensável valorizar a profissão docente, devolver-lhe prestígio, garantir condições dignas de trabalho e construir uma imagem positiva, estável e atrativa da função docente”